

Atentados levam pânico à Saúde

Agência O Dia

■ Investigação de fraudes põe médicos na mira de bandidos

LUCIANA CONTI E
MÁRCIA TELLES

Quatro assassinatos e um atentado. São estes os crimes contabilizados pela polícia nos últimos oito meses contra profissionais de saúde no estado. O último caso foi o do tenente-coronel Valter Oliveira dos Santos, 48 anos, diretor administrativo do Hospital Central do Corpo de Bombeiros, morto ontem com quatro tiros perto de sua casa em Campo Grande (Zona Oeste). Coincidência ou não todas as vítimas investigavam irregularidades em hospitais públicos ou eram responsáveis por compras de equipamentos e material hospitalar. "Sempre que um diretor começa a apurar superfaturamento, propina e cartéis recebe ameaças de morte", denuncia o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Luís Tenório.

O primeiro atentado, no dia 15 de agosto de 1997, atingiu o então diretor-geral do Hospital da Posse, João Ricardo Piloto, que logo após pediu demissão irrevogável. Seis dias depois, o conselheiro do Conselho Federal de Enfermagem, Guaraci Novaes Barbosa, 59 anos, foi assassinado em Campo Grande com 10 tiros nas costas. No dia 10 de dezembro, foi a vez do médico José Luiz Madrid, chefe da Radiologia do Hospital da Posse, ser assassinado.

O temor do sindicato é partilhado por parlamentares ligados à saúde, como a deputada estadual Lúcia Souto (PPS) e o deputado federal Sérgio Arouca (PPS-RJ). "Além de trabalhar com os piores índices de saúde pública, os profissionais do setor são obrigados a conviver com assassinatos não elucidados", reclama Lúcia. Fazendo eco às reclamações, Arouca chama a atenção para o fato da saúde estar à mercê de grupos mafiosos: "O problema se origina no loteamento político do setor e na corrupção."

A ação criminoso atingiu até um subsecretário de Saúde do Estado. Walter Mendes foi escolhido pelo governador Marcello Alencar para substituir João Ricardo Piloto na direção do Hospital da Posse, logo após o atenta-



O tenente-coronel Valter seguia para o trabalho em um carro da corporação, quando foi baleado por dois homens em uma Fiat Uno branca

do. Quatro meses depois – tempo em que andou acompanhado de seguranças – Walter demitiu-se do cargo alegando motivos pessoais. Apesar de até hoje negar que o gesto tivesse ligação com os atentados, colegas contam que, na época, Walter reclamava de ameaças e pressões que sofria na direção da Posse.

Seu pedido chegou ao governador cinco dias após Madrid morrer. "Até que me provem o contrário, há ligação entre a morte de Madrid e o atentado contra o Piloto", disse Walter, hoje atuando no Ministério da Saúde no Rio. Para ele, a razão dos atentados teria relação com a administração do hospital, que poderia ter ferido interesses privados.

Na época, a 52ª DP (Nova Iguaçu), que iniciou o inquérito, trabalhava

com a hipótese de Piloto ter sofrido o atentado por apurar a ação no hospital de uma quadrilha que fraudava o seguro por acidente de trabalho. Com a repercussão, as investigações ficaram a cargo da Metrópol IX e da Polícia Federal, que nada descobriram. A Comissão de Saúde da Assembleia pediu à polícia cópia do inquérito, mas não foi atendida.

Histórico – O atentado a João Piloto ocorreu na noite do dia 15 de agosto. Ele voltava para sua casa, no Rio, quando quatro homens, numa rua do Centro de Nova Iguaçu, disparando contra seu carro. Quatro tiros acertaram Piloto, atingindo o abdome, o tórax e a mão direita. Apesar de ter sobrevivido, Piloto não pode mais exercer sua especialidade – cirurgia ginecológica – por que perdeu os movi-

mentos na mão direita. Hoje faz sessões de fisioterapia.

Pior sorte teve José Luiz Madrid. Atingido por um tiro no pescoço, o médico entrou em coma profundo, teve morte cerebral e uma semana depois morreu. Na época, seus colegas levantaram a hipótese da morte ter ocorrido por contrariar interesses de donos de clínicas privadas, descontentes com a melhoria do atendimento na Posse, o que tiraria clientes do setor privado.

O enfermeiro Guaraci também teve morte semelhante. Ele foi assassinado a 150 metros de sua casa em Campo Grande (Zona Oeste). O PM Jorge S. Frisch, que estava com Guaraci no carro, levou quatro tiros. Na época, o enfermeiro fazia parte do Movimento em Defesa da Saúde, liga-

do ao Conselho Regional e Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremérj), que atuava na fiscalização dos hospitais públicos.

Em 8 de fevereiro, o vereador mais votado nas eleições de São Gonçalo, José Benjamin Souza Sobral, o Beija, de 32 anos, foi assassinado. José foi morto na porta de casa, no bairro do Rocha, quando participava de um churrasco. Eles contam que o vereador estava sentado quando um dos dois homens, branco e magro, que vinham num Gol Branco, chamou o vereador pelo apelido, deu três tiros pelas costas e mais dois em seu peito quando ele se virou. Meses antes de morrer, Beija trabalhava em projetos de mutirão para pavimentação de ruas e na implantação de um posto de saúde no município.